

**Pistas para a compreensão das territorialidades Waiwai: evangelização****Clues for the understanding of Waiwai territorialities: evangelization**

Recebimento dos originais: 18/05/2018

Aceitação para publicação: 29/06/2018

**Patrícia Vieira Coelho**

Graduanda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, UFF

Instituição: Universidade Federal Fluminense, UFF

Endereço: Rua Gal. Milton Tavares, s/n, Boa Viagem - Niterói - RJ

Email: patriciacoelho.geo@gmail.com

**Rafael Sá Rego de Azevedo**

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense, UFF

Instituição: Universidade Federal Fluminense, UFF

Endereço: Rua Gal. Milton Tavares, s/n, Boa Viagem - Niterói - RJ

Email: rafael\_sr\_azevedo@gmail.com

**RESUMO**

O presente artigo é uma adaptação do capítulo “Evangelização” do trabalho de conclusão de curso “Pistas para a compreensão das transformações na territorialidade do povo Waiwai” em Geografia na Universidade Federal Fluminense. O departamento de Geografia da UFF, através do NEPAN (Núcleo de Pesquisas Amazônicas) desenvolve projetos em Oriximiná, Pará. Um dos projetos desenvolvidos foi o GPA (Geografia da Produção Alimentar), que derivou o projeto multidisciplinar “Desenvolvimento participativo de arte e cultura no Território Quilombola Mãe Domingas e na Terra Indígena Trombetas-Mapuera do Alto Trombetas no município de Oriximiná-PA”. Esse projeto teve duas idas a campo, para desenvolver um trabalho de valorização da tradição oral e educação ambiental em duas comunidades quilombolas (Mãe Domingas e Tapagem) e duas aldeias indígenas (Kwanamari e Mapuera). Através da participação nesses projetos cresceu o interesse pela temática indígena, principalmente com os Waiwai, que foram evangelizados no séc. XIX. A evangelização de um povo indígena é, em diferentes aspectos, um tema bastante complexo, nesse sentido esse trabalho procura compreender o processo de evangelização e as práticas dos missionários norte americanos, bem como procura compreender as territorialidades assumidas pelos Waiwai.

**Palavras-Chave:** Evangelização; indígena; Waiwai.

**ABSTRACT**

The present article is an adaptation of the chapter "Evangelization" of the work of conclusion of course "Tracks for the understanding of the transformations in the territoriality of the Waiwai people" in Geography at the Fluminense Federal University. The Geography Department of UFF, through the NEPAN (Amazon Research Nucleus) develops projects in Oriximiná, Pará. One of the projects developed was the GPA (Geography of Food Production), which derived the

multidisciplinary project "Participatory development of art and culture in the Quilombola Territory Mother Domingas and in the Trombetas-Mapuera Indigenous Land of Alto Trombetas in the municipality of Oriximiná-PA ". This project had two field trips to develop a work of valuing oral tradition and environmental education in two quilombola communities (Mãe Domingas and Tapagem) and two indigenous villages (Kwanamari and Mapuera). Through participation in these projects, there was an increase in interest in indigenous issues, especially with the Waiwai, who were evangelized in the 19th century. XIX. The evangelization of an indigenous people is, in different aspects, a very complex theme. In this sense, this work seeks to understand the process of evangelization and the practices of the North American missionaries, as well as to understand the territorialities assumed by the Waiwai.

**Keywords:** Evangelization; indigenous; Waiwai.

## 1 INTRODUÇÃO

Os Waiwai são indígenas evangélicos, que tiveram contato com o evangelho na sua própria língua em meados do século XX, através de missionários estadunidenses que estudaram o idioma com o objetivo de evangelizar os indígenas.

As origens para realização deste trabalho surgiram após um trabalho de campo realizado no segundo semestre do ano de 2012 na aldeia Kwanamari - PA, tratava-se de um projeto multidisciplinar desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) que possui um campi em Oriximiná (Pará). O projeto "Desenvolvimento Participativo de Arte e Cultura no Território Quilombola Mãe Domingas e na Terra Indígena Trombetas-Mapuera do Alto Trombetas no município de Oriximiná - PA", tinha como objetivo a "colheita" de mitos e lendas indígenas e quilombolas para a produção de um caderno temático voltado para as escolas das comunidades envolvidas. Dessa forma, o estranhamento observado durante o campo e o crescente interesse pela temática indígena como um saber geográfico, inspiraram o trabalho de conclusão de curso, sendo este artigo uma adaptação de um capítulo.

Busca-se contribuir com os estudos sobre a temática indígena na Geografia, procurando evidenciar o processo de evangelização do Waiwai, realizada por missionários evangélicos, de princípios batistas, a partir dos anos 1940.

Pretende-se abordar aspectos relevantes do grupo, bem como seu processo de evangelização, as estratégias adotadas pelos missionários, a organização evangélica e a igreja Waiwai, para, então entendermos as práticas sócio-espaciais assumidas pelo grupo. A evangelização de um povo indígena é, em diferentes aspectos, um tema bastante complexo. Nesse sentido, os trabalhos de Oliveira (2010) e Sousa (2015), que trazem reflexões sobre a evangelização dos Waiwai, são referências para este artigo.

Os Waiwai vivem no domínio morfoclimático Amazônico (AB'SABER, 2003), principalmente na área que abrange o Rio Essequibo, na Guiana, e os rios brasileiros Anauá e

Jatapuzinho, em Roraima, os Rios Jatapu e Nhamundá no Amazonas e o Rio Mapuera no Estado do Pará. Dessa maneira, os Waiwai estão localizados entre a Guiana e o norte do Brasil.

Atualmente há duas aldeias no sul da Guiana com um número de habitantes que varia entre 130 e 170, dependendo de diversos fatores como a época do ano e longas visitas intercomunitárias que alteram significativamente o número de habitantes nas aldeias.

No Brasil, a população total dos Waiwai vem crescendo, no censo de 2010 foram contadas 2292 pessoas. Eles vivem em áreas oficialmente reconhecidas estão distribuídos em três Terras indígenas (T.I.s):

- T.I. Nhamundá/Mapuera (Pará), com uma área de 1.049.520 ha;
- T.I. Trombetas/Mapuera (Amazonas/RR/Pará), com uma área de 3.970.418 ha;
- T.I. Waiwai (RR), com uma área de 405.698 ha.

Em seus estudos, Queiroz (2008), afirma que os Waiwai fazem parte de um complexo cultural denominado *Tarumã-Parukoto*, e não correspondem a uma única unidade étnica, eles se reconhecem e são reconhecidos por denominações menos englobantes, como *Hixkaryana*, *Mawayana*, entre outras que adotam o sufixo “yana”, que por sua vez, designa "coletivo".

A língua karib, acabou por aproximar ainda mais esses grupos e com a instalação da UFM (Unenvangelized Field Mission) e a participação de outros agentes, como a FUNAI e a FUNASA. E o uso do termo “Waiwai” passou a designar não apenas a língua *Karib*, mas, também, o coletivo de índios como um todo, passando, então, a se autodenominarem “comunidades Waiwai”.

## 2 INSERÇÃO DA UNEVANGELIZED FIELDS MISSION (UFM) NAS COMUNIDADES WAIWAI

A Unevangelized Fields Mission (UFM) foi criada em 1931. Seu objetivo era evangelizar povos em todos os lugares do planeta, seguindo o que está escrito no Evangelho segundo Marcos, capítulo 16, versículo 15 e 16:

E disse-lhe: Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.<sup>4</sup>

A sede da UFM localizava-se em Londres, mas em 1941 sua base na Filadélfia (Pensilvânia, EUA) já se destacava pela quantidade de fiéis e por associações com grandes empresários, era a mais importante frente de contribuição financeira. Além do Brasil, a UFM enviava missionários para o Congo Belga e a Índia (principalmente estadunidenses e canadenses). Em terras brasileiras, os missionários atuavam principalmente em comunidades indígenas (Souza, 2008). No século XX o Brasil recebeu diversas missões, tornando-se o “país com o maior contingente de missionários

norte-americanos do mundo. Em 1976 contava com um total de 2.170 missionários norte-americanos” (Dreher, 1992, p.338).

Os primeiros contatos entre o Povo Waiwai e a UFM se deram através dos irmãos Hawkins. Três irmãos, Rader, Neill e Robert Hawkins, foram criados para serem missionários de sua fé. O pai, pastor William Hawkins era considerado um “exemplo vivo dos padrões bíblicos tradicionais” que valorizava as doutrinas do pecado e da salvação, e sua mãe uma mulher piedosa que treinara os filhos desde pequenos para a obra missionária fora do país (OLIVEIRA APOUD DOWDY, 1997, p.49).

Tratava-se de uma família conservadora, viviam no Texas. Segundo Estado mais populoso e considerado um Estado típico da direita protestante na América do norte:

O Texas faz parte do chamado Bible Belt, uma região conservadora no Sul dos Estados Unidos onde predominam igrejas teologicamente orientadas a partir dos grandes reavivamentos do final do século XVIII e século XX, e em sua maioria, pelo fundamentalismo do início do século XX. Considerada a “direita” protestante norte-americana, essa vertente é usualmente identificada como evangelical, e se distingue da Main Line Protestant Church, adepta de uma teologia modernista ou liberal. (OLIVEIRA, 2010, p.31)

Criados nesse ambiente, os irmãos Hawkins não sabiam muito sobre os Waiwai, apenas que habitavam florestas impenetráveis na fronteira do Brasil com a Guiana e que era “um povo imundo e com muitos cachorros” (DOWDY, 1997, p.50). Mesmo assim, em 1948, os irmãos contataram os Waiwai. Segundo Oliveira (2010), a visita dos Hawkins à região foi uma sondagem para o estabelecimento de uma base missionária na Guiana, o que ocorreu no ano seguinte.

Em 1956, Robert Hawkins junto a sua mulher Mary Hawkins, se estabelecem na fronteira entre o Brasil e Guiana, ali eles fundaram um centro de treinamento e orientação de missionários e também uma nova base da UFM.

A UFM ao chegar ao Brasil no ano de 1959 mudou seu nome para Cruzada de Evangelização Mundial, para evitar problemas burocráticos com órgãos governamentais como o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e, também, para facilitar a aceitação de uma instituição estrangeira junto ao povo brasileiro. Essa é uma estratégia publicitária muito comum entre empresas capitalistas. Além da UFM, isso também aconteceu com a New Tribes Mission que traduziu seu nome para Missões Novas Tribos no Brasil (MNTB) e com a Summer Institute of Linguistics que mudou o nome para Sociedade Internacional de Linguística (SIL).

Em 1970 a Cruzada de Evangelização Mundial, toma medidas para “abrasileirar” a instituição, como a criação de cargos, permissão de brasileiros em cargos mais altos, como a presidência e, principalmente, a alteração do nome para Missão Evangélica na Amazônia (MEVA).

Segundo Kellen (2015, p.24) a MEVA é hoje uma missão nacional, com liderança nacional, contando apenas com uma parcela de missionários estrangeiros. Ela conta atualmente com 33 igrejas indígenas, as quais possuem estrutura, liderança e programas próprios, sendo seis na área Macuxi, quatro na área Wapixana, cinco na área Yanomami e dezoito na área Waiwai. Apesar de as igrejas possuírem liderança indígena, alguns missionários ainda residem ou fazem visitas periódicas às comunidades.

A UFM tinha um programa complexo para a evangelização indígena que consistia em aplicar o evangelho, junto às questões relacionadas à saúde, educação e a moral cristã. Os missionários que chegavam principalmente dos EUA, passavam por um processo de formação no Brasil que compreendia um curso sobre a língua portuguesa e cultura brasileira, depois faziam um curso de sobrevivência na selva junto aos indígenas já evangelizados e assimilação de diferentes línguas indígenas, finalizando com estágio em uma comunidade indígena brasileira relativamente longe da sede, em Belém.

Segundo Oliveira, os missionários desenvolveram um método de conversão próprio para os indígenas:

Sua estratégia de evangelização envolveu a atração de um grande contingente indígena para as imediações da sua base de trabalho na Guiana. Os índios atraídos eram provenientes também do território Brasileiro, e foram alfabetizados em Waiwai, para que assim pudessem ler a Bíblia, traduzida pelos missionários. (OLIVEIRA, 2010, p.4).

A tradução da bíblia foi uma das primeiras medidas tomadas pelos missionários. Durante 46 anos foram empregados esforços para a tradução do que chamaram de “Kaan Karitan” (2001); traduzida por “Livro de Deus”, e por “Papel de Deus”. A tradução da bíblia exigiu muitos esforços dos missionários como tradução de metáforas, localizações geográficas difíceis para a compreensão dos Waiwai entre outras dificuldades técnicas e culturais. Mas para os missionários a bíblia “era a fonte do conhecimento de Deus e de sua vontade revelada aos homens”. O modo como se deveria viver, cultivar, se relacionar com o próximo estavam contidos nessas Escrituras. Ao ter essa fonte, os indígenas saberiam o “caminho das pedras” rumo à “vida eterna” (KELLEN, 2005, p.38). Percebe-se, com isso, a importância da linguagem escrita tanto para os Waiwai quanto para os missionários. Evidenciando que,

Outro pressuposto realista incorporado pelos fundamentalistas é o da linguagem como capaz de captar e transmitir objetivamente a universalidade da verdade. Atribui-se às narrativas bíblicas uma verdade objetiva que pode – e deve – ser transmitida a todas as gerações de pessoas, em todos os lugares do mundo. Daí a importância conferida à tradução da Bíblia para as línguas nativas pelos missionários fundamentalistas. Para os Waiwai, pela primeira vez, a sua língua em papel, a tradução da sua fala. (OLIVEIRA, 2010, p.39)

Outro fator importante, diz respeito à felicidade dos Waiwai ao terem sua língua escrita. Hoje eles são ativamente políticos, participam ativamente nas organizações indígenas. Segundo Zea (2010):

A introdução da escrita certamente constitui um instrumento poderoso para introduzir o Evangelho, mas será que com isso os Waiwai estão efetivamente abandonando sua tradição de transmissão oral dos conhecimentos e suas práticas e concepções cosmológicas? Não há de se perder de vista que, no contexto atual, são os Waiwai (assim como vários povos indígenas) que reivindicam o acesso à escrita e à educação escolar como condição fundamental para sua autonomia. Esse instrumento de comunicação permite aos Waiwai produzirem sua cultura em formato acessível aos não-índios: escrita de projetos, de diversos documentos, nos quais eles são os autores.

Para Oliveira (2010) a convicção da posse da verdade contida na Bíblia conduz a uma atitude inflexível por parte dos fundamentalistas, que não vêem sentido no diálogo com os que não afirmam a mesma verdade. Daí a rejeição que os missionários de maneira geral apresentam em relação às cosmologias e práticas nativas.

Uma das práticas nativas condenadas pelos missionários estava ligada ao uso e manipulação de medicamentos naturais que estavam ligados ao sobrenatural, ao místico, enquanto os remédios alopáticos eram associados ao Deus cristão. Segundo Souza (2014), os missionários administravam as doses de medicamentos sempre seguidas de oração, de modo que, para as representações indígenas, a cura, provocada pelos remédios alopáticos, era atribuída ao Deus cristão.

Ainda hoje o uso de medicamentos alopáticos são supervalorizados nas aldeias, hábito adquirido durante a evangelização. Associar remédios ao Deus cristão era prática comum dos missionários.

Os missionários administravam as doses necessárias sempre seguidas de oração, de modo que, para as representações indígenas, a cura, mesmo provocada pelos remédios, era atribuída ao Deus cristão, em parte porque as representações missionárias davam conta de que todo o conhecimento é, antes de tudo, conhecimento do próprio Deus, de modo que, para os missionários, associar a alopatia à ação divina estava em pleno acordo (SOUZA, 2014, p. 39).

Interessante perceber que o interesse dos missionários no conhecimento das práticas nativas restringia-se ao objetivo da evangelização, dessa forma, o interesse na cultura Waiwai só existiu para, posteriormente, transformá-la.

### **3 A EVANGELIZAÇÃO DE EWKÁ**

Nos anos 50, quando os missionários chegaram para a sondagem da base de apoio, alguns indígenas foram contratados como guias, ao finalizar a sondagem os missionários retornam para Georgetown e os indígenas começam a sofrer com uma epidemia. Durante o ano seguinte a epidemia continuava a matar, o xamã Ewká esforçava-se com seus conhecimentos xamânicos a fim

de curar seus parentes, “quando os irmãos Neill e Robert voltaram ao alto Essequibo, em 1950, trazendo remédios eficazes contra a epidemia que assolava os Waiwai” (OLIVEIRA, 2010).

Durante a ausência dos missionários, o xamã Ewká tenta curar os Waiwai por meio do seu conhecimento e da biodiversidade da floresta amazônica, mas as origens da epidemia estavam longe da floresta e o seu conhecimento não foi capaz de evitar as mortes, deixando-o extremamente abalado. Dessa forma, o número de mortos vinha crescendo quando os missionários voltaram trazendo remédios alopáticos contra a gripe que eles tinham disseminado entre os Waiwai. Sabendo dos esforços de Ewká, os missionários propõem um desafio ao xamã que então, é estimulado pelos missionários a desafiar os espíritos com os quais se relacionava. Ao fazer isso e não morrer, Ewká se converte ao cristianismo, influenciando fortemente a conversão dos Waiwai (Dowdy, 1997; Oliveira, 2010).

A conversão de Ewká foi considerada uma grande vitória pelos missionários, pois o Ewká carrega prestígio social e influência. Os Waiwai acreditavam que o abandono do xamanismo significaria a morte do xamã. Então, converter Ewká era um dos principais objetivos do plano de estratégias dos missionários:

Ferreira de Souza chama de “pregação seletiva”, que consistia em alcançar primeiramente as pessoas influentes na comunidade, preferencialmente aquelas que exerciam algum tipo de liderança. Era uma forma de não identificar a nova religião como algo inferior, ou as pessoas consideradas de “segunda classe”. Outra razão era que uma pessoa influente traria o restante do povo, ou boa parte dele, para o protestantismo. Depois desse episódio com Ewká e os Waiwai, o método era tido como “infalível”. (SOUZA, 2015 *apud* FERREIRA DE SOUZA 2003)

Concomitantemente ao processo de evangelização, os Waiwai estreitaram laços com outros grupos indígenas, evangelizando alguns deles. Isso era facilitado tanto pelo caráter sociável, agregador e comunicativo dos Waiwai, quanto pelo aparato disponibilizado pela UFM. Identifica-se aqui outra estratégia, fundamentada na formação de novos missionários e de pastores para atuarem em diversas outras aldeias. São os próprios indígenas os novos missionários, diminuindo problemas considerados burocráticos com o governo brasileiro<sup>6</sup>.

Existem algumas razões para a propagação de missionários estadunidenses no período do pós-guerra, onde era crescente a prosperidade dos EUA em diversos setores, principalmente no setor econômico. Muitos empresários apoiavam diretamente os missionários ou contribuía através do dízimo às suas igrejas. Oliveira (2010) explica que a UFM é uma organização paraeclesial ou interdenominacional. Esse tipo de organização trabalha em parceria com as igrejas e denominações protestantes, mas estrutura-se independentemente delas, através de contribuições individuais de fiéis comprometidos com o sustento de missionários.

Pregando que a benção financeira é um desejo de Deus para os cristãos e que a fé, a pregação, o dízimo e as contribuições dos fiéis irão sempre aumentar a riqueza material dos

dizimistas e ofertantes, ou seja, praticando a teologia da prosperidade os missionários trouxeram presentes antes mesmo do primeiro contato, quando jogavam em sobrevôo aos rios próximos as aldeias objetos de apreço dos Waiwai (facas, espelhos, miçangas, etc).

#### **4 A IGREJA WAIWAI**

As igrejas que estão nos territórios dos Waiwai foram fundadas por missionários, que durante as pregações valorizavam a moral e o comportamento evangélico, onde “pregava-se enfaticamente, dentre outras coisas, contra o uso de bebidas alcoólicas e contra a imoralidade sexual (fornicação, prostituição, adultério)” (OLIVEIRA, 2010 p.28).

Os missionários iniciaram um processo de formação de pastores (e multiplicadores) indígenas, baseado em uma série de qualificações cristãs descritas na bíblia, tais como ter somente uma esposa, não consumir bebidas alcoólicas e fermentadas, não brigar, não ser violento, ser hospitaleiro entre outras qualificações que comprovassem a conduta cristã. Após escolhidos os pastores Waiwai, esses recebiam pregações exclusivas dos missionários e, então, aos domingos pregavam ao restante do povo.

Hoje a MEVA continua atuando na Amazônia, são 33 aldeias com igrejas indígenas, alguns missionários continuam convivendo nas aldeias, mas a maioria realiza visitas periódicas a fim de oferecer algum suporte para a aldeia, caso precisem. A MEVA atua da mesma forma nos países vizinhos Guiana e Venezuela. No Brasil, além do Pará, ela tem organizações nos estados do Amazonas e Roraima.

Ainda hoje, os cultos são realizados nas manhãs de domingos, na *umana* (casa grande). Hoje, na aldeia Kwnamari, por exemplo, há um coral composto por meninas e mulheres que ficam próximas ao pastor, as mais novas na frente, as jovens no meio e as mais velhas atrás. O pastor ocupa um lugar central, é cercado por instrumentos musicais, principalmente pelo violão e teclado elétrico, todos os músicos são Waiwai. Vale ressaltar que somente aos domingos o gerador elétrico é ligado durante o dia. Fora isso, o gerador só é ligado à noite, no horário do Jornal Nacional e fica ligado até acabar a novela, ambos da emissora Globo.

Impregnados do fundamentalismo religioso, entenda-se este fundamentalismo como um movimento alicerçado na doutrina da inerrância das Escrituras e na defesa de elementos considerados fundamentais na Bíblia (LOPES, 2004; OLIVEIRA, 2010), os missionários deram bastante ênfase nas escrituras, a fim de destacar a singularidade de Deus, do cristianismo. Baseado nesse comportamento, o conhecimento sobre as práticas nativas é dado como algo primitivo, que deveria ser superado. Eles acreditavam que traziam o conhecimento verdadeiro e, por isso, superior.

**5 APONTAMENTOS FINAIS**

Os missionários texanos não se esforçaram muito para saber sobre o povo que queriam evangelizar. Acreditavam na inerrância da Bíblia e, por isso, convertiam sem considerar cosmovisões distintas. Eles foram criados acreditando na superioridade cristã e agiam como superiores frente às crenças indígenas, consideradas primitivas. O Xamã, entidade respeitada pelos indígenas, foi duramente atacada até ser extinta em diversas aldeias. Assim como foram substituídos os rituais pelos cultos, as ervas foram substituída pela medicina alopática e a coletividade pela individualidade.

A pregação baseada na salvação mediante a confissão e arrependimento dos pecados, caracteriza uma salvação eletiva, onde o indivíduo poderá ser ou não salvo por Deus. Diferente da cosmologia indígena, que acredita, por exemplo, na Criação através de espíritos da natureza, onde cada espírito (determinada árvore, um animal, o sol) teria o seu papel na criação, então os Waiwai adoravam vários espíritos da natureza. Mas, como sabemos, para os cristão somente Deus pode ser adorado. O comportamento dos missionários, bem como, os métodos de aproximação, acabam por manifestar uma postura de superioridade cristã exercida pelos missionários.

Apesar da sociabilidade dos Waiwai, o que vemos hoje nas aldeias evangélicas não é um movimento homogêneo de crescimento ou consolidação do cristianismo indígena. No final do campo na aldeia Kwanamari, uma senhora entre seus 50 anos, sentiu-se à vontade para se banhar sem roupas na nossa frente, isso ainda não tinha acontecido e refletimos sobre o evento e outras posturas adotadas pelos Waiwai. Então, percebemos que são fatos como esses que demonstram que a evangelização dos Waiwai não traduz o comportamento pregado vigorosamente pelos missionários em seus cultos, tão pouco a postura de superioridade desenvolvida pelos missionários.

**NOTAS**

1. O presente artigo é uma adaptação do capítulo “Evangelização” do trabalho de conclusão de curso “Pistas para a compreensão das territorialidades Waiwai”, que deve ser defendido em 2018.
2. Segundo Oliveira e Mafra, no contexto religioso brasileiro o termo “evangélico” tem sido empregado com uma abrangência maior, da mesma maneira que o termo protestant nos Estados Unidos: para identificar todos os ramos que se desenvolveram a partir dos reformadores do século XVI (2001:8).
3. Umana pode ser traduzido em português por Casa Grande.
4. Bíblia Online.
5. Considera-se que o pacote de estratégias evangelizadoras são um conjunto de medidas desenvolvidas e adotadas pelos missionários com a fim da conversão.

6. Para mais informações sobre as denúncias do SPI e do governo contra a missão, e a devida defesa desta, consultar Ferreira de Souza, 2003 e 2008.

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ariosmar. Economia Indígena em Áreas de Florestas na Amazônia: O Caso dos Índios Waiwai no Sul de Roraima. Porto Alegre, 2011.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. <http://www.funai.gov.br/>. Último acesso em 01/04/2018.

FERREIRA DE SOUZA, Alfredo. Entre escritas e as Escrituras: práticas letradas nas missões protestantes junto aos Waiwai (1948-1984). 2008. 355p. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HOWARD, Catherine Vaughan. A Domesticação das Mercadorias: Estratégias Waiwai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Unesp, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <http://www.ibge.gov.br/home/>. Último acesso em: 05/09/2017

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: <http://pib.socioambiental.org/pt>. Último acesso em 01/10/2017.

DOWDY, Homer. O Pajé de Cristo. Tradução: Fausto Camargo César. São Paulo: Editora Sepal. 1997.

OLIVEIRA, Leonor Valentino de. O cristianismo evangélico entre os Waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980. 2010. 129p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Maria Denise Fajardo. Catolicismo, protestantismo e conversão: o campo de ação missionária entre os Tiryó. In: WRIGHT, Robin. (Org.) Transformando os Deuses: Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999.

QUEIROZ, Rubens Caixeta de. A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Waiwai. In: WRIGHT, Robin M. (org.). Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SCHULER ZEA, Evelyn. (Trans)formações Waiwai. In: BARBOSA, Reinal Imbrósio; MELO, Valdinar Ferreira. Roraima: homem, ambiente e ecologia. Boa Vista: FEMACT, 2010.